



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18047 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA CONTRA A ESCOLA NA DINÂMICA DE PROFESSORES E ALUNOS.

Maria do Socorro Santos Ribeiro - UFRN - PPGEEsp - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA CONTRA A ESCOLA NA DINÂMICA DE PROFESSORES E ALUNOS.

1 INTRODUÇÃO

A violência escolar é um fenômeno multifacetado que se manifesta de várias formas: violência dentro das instalações da escola, agressões praticadas por membros da comunidade escolar e ataques direcionados à própria instituição, como vandalismo e ameaças (Charlot, 2002; Ribeiro, 2023). Este texto explora a trajetória da violência contra as escolas no Brasil, abordando seu surgimento e evolução nas últimas duas décadas, e analisa seus impactos psicossociais em professores e alunos. A violência escolar, nas suas variadas formas não só afeta negativamente o desempenho acadêmico e a saúde mental dos envolvidos, mas também revela limitações nas respostas institucionais e nos mecanismos de enfrentamento. A discussão é fundamentada em pesquisas empíricas recentes realizada em 2023 para finalização de curso de Pedagogia pela UFRN (Ribeiro, 2023) e outras publicações sobre o assunto (Vinha, 2023; Ristum, 2010; Minhoto, 2023 e outros) com dados de pesquisas sobre a violência escolar, tendo como perspectiva a proposição de despertar e instigar o debate sobre a violência contra escola em diferentes áreas de conhecimentos, conhecer mais profundamente o fenômeno para mitigar os efeitos na sociedade, bem como insight para a pesquisa do doutorado em educação.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A violência no contexto social e educacional brasileiro

A violência é um fenômeno sócio-histórico, fundante e estrutural na formação da sociedade, ferramenta naturalizada nas relações sociais e condução da sociedade Brasileira. Segundo a socióloga Maria Sylvania de Carvalho, além de ter sido um instrumento político para a manutenção da unidade territorial e da base econômica escravocrata, a violência nesse país se desenvolveu como uma forma de sociabilidade, como um “código do sertão”. (Rezende, s/d mundo da educação).

A trajetória histórica do Brasil é marcada por uma sociabilidade violenta, intensificada desde a década de 1970, conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023). A taxa de homicídios no país, que atingiu seu pico em 2017 com 65.602 casos, reflete essa realidade, com jovens entre 15 e 29 anos sendo as principais vítimas, representando 53,3% dos homicídios em 2018. Essa vulnerabilidade juvenil é evidenciada por dados que mostram que, em 2022, 34% dos jovens mortos foram vítimas de homicídio, totalizando 22.864 mortes, segundo o IPEA/Atlas da Violência (2024). Essa violência letal entre jovens pode influenciar comportamentos violentos dentro das escolas; a exposição constante à violência pode normalizá-la e internalizá-la como uma resposta a conflitos.

A escola, vista como um espaço seguro (Canário, 1997; Santos, 2019) centro e espaço de formação e possibilidades humanas (Barbieri, 2021; Kuezer, 2000) tem refletido as dinâmicas violentas da sociedade, com um aumento alarmante de jovens de 13 a 25 anos envolvidos em ataques escolares—faixa etária coincidente com a das principais vítimas de homicídios no Brasil, segundo o Atlas da Violência de 2024. A normalização da violência em suas vidas cotidianas leva esses jovens a reproduzirem comportamentos violentos nas escolas, seja como agressores ou vítimas. Além disso, a propagação de discursos de ódio, bullying, e intolerância, impulsionados pelas redes sociais, tem intensificado a insegurança escolar, com altos índices de violência reportados em estados como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Distrito Federal, e São Paulo (ABSP, 2023).

Os dados sobre bullying, vandalismo e outras formas de violência nas escolas em estados acima mencionados revelam uma crescente deterioração da segurança escolar, afetando a qualidade do ensino e o bem-estar de alunos e professores (ABSP, 2023). Um estudo envolvendo 2.500 professores de escolas secundárias na Inglaterra, mostrou que 15% deles sofreram ofensas verbais em uma semana específica. As agressões físicas também foram relatadas, com 1,7% dos professores sendo vítimas de agressões dentro da sala de aula e 1,1% fora dela (Assis, 2023, p). Fatores institucionais, culturais e de gênero contribuem para a intensificação dessa insegurança dentro das escolas, exacerbando os desafios enfrentados no ambiente educacional. (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023 s/p; Rezende, s/d).

Esse cenário de crescente violência social e educacional é um alerta e sinaliza uma tendência na sociedade contemporânea: a banalização do conceito de violência. Grossi e Santos (2009) apontam que essa banalização se manifesta na maneira como práticas violentas se integram à vida cotidiana, distorcendo as fronteiras entre brincadeiras, ofensas e crimes. A linha tênue que deveria separar essas práticas está sendo progressivamente apagada, o que dificulta a percepção clara do que constitui violência e, conseqüentemente, enfraquece as respostas sociais e institucionais para enfrentá-la.

Essa diluição do conceito de violência não apenas normaliza comportamentos que deveriam ser inaceitáveis, mas também contribui para a perpetuação de um ciclo de agressividade e intolerância. Portanto, a banalização da violência não só subverte o entendimento do que é nocivo, mas também cria um ambiente onde a violência pode prosperar sob a capa da normalidade, aumentando os riscos e as conseqüências para a sociedade como um todo.

2.2 Evolução da Violência Contra as Escolas: Raízes Históricas e Desafios Contemporâneos

A violência é um fenômeno inerente à sociedade. Durkheim (2001) entende a violência como uma forma de interação que pode atuar como um fator socializante entre os indivíduos, conforme Simmel (1983, p. 132 apud Rocha, 2010, p. 70). Para Minayo (1994, p. 64), a violência é um fenômeno complexo e dinâmico, que engloba aspectos biopsicossociais da vida em sociedade.

Essa complexidade e dinamismo significam que a violência não é algo estático; ao contrário, ela se movimenta, se adapta e se transforma em resposta às mudanças sociais e políticas. Ela evolui desde suas formas mais sutis nas relações cotidianas, como o bullying, até manifestações mais graves, como atos de violência física e crimes cometidos dentro e contra as escolas (Ribeiro, 2023). Ao se adaptar aos contextos nos quais se desenvolve, a violência também molda e é moldada pelas ferramentas e mecanismos utilizados para sua propagação, refletindo e amplificando as tensões sociais em constante mudança.

Ristum (2010) destaca uma evolução preocupante na violência escolar, onde o foco das agressões migrou de simples vandalismo e depredação, geralmente dirigidas contra o patrimônio escolar, para ataques fatais que visam a vida de pessoas. Historicamente, as ações de vandalismo, praticadas tanto por alunos quanto por agentes externos, eram mais comuns em escolas públicas devido à sua vulnerabilidade, por vezes, decorrente da má conservação e da falta de equipamentos de proteção. Entretanto, o cenário atual revela uma escalada da violência, onde o alvo das agressões são vidas humanas dentro das escolas e não necessariamente o patrimônio (Vinha, 2023; Ribeiro, 2023).

A violência contra as escolas é resultado de uma combinação de fatores, como conflitos, insatisfações e confrontos, que evoluem de manifestações simples para desdobramentos mais graves. A compreensão e identificação desses sinais são essenciais para a prevenção. A pesquisa realizada em 2023 coincidiu com o período dos ataques as escolas, revelou que essa violência não é exclusiva de países pobres ou escolas públicas, mas um problema global. Na França, está associada à exclusão social; nos Estados Unidos e Canadá, à diversidade étnica, mudanças familiares e acesso fácil a armas. Esses ataques, especialmente frequentes nos EUA, onde mais de 554 pessoas foram vítimas em 331 escolas até 2022, refletem a profundidade do problema. Análises de estudiosos como Ribeiro (2023), Telma Vinha (2023), Paulo Ghiraldelli (2023) e Viviane Mosé (2023) ajudam a contextualizar esses ataques no Brasil.

Entre 2002 e 2023, ocorreram 23 ataques a escolas no Brasil, com metade deles concentrados nos últimos dois anos, evidenciando uma escalada preocupante da violência nas instituições de ensino. Esses ataques, ocorridos em diversas regiões do país, resultaram em tragédias, incluindo a morte de professores, alunos, e até crianças entre 4 e 7 anos. Desde os anos 2000, houve 16 ataques até o final de 2022, que causaram 35 mortes e 72 feridos. Ameaças de novos ataques, como as registradas no Rio Grande do Norte, provocaram pânico e levaram à suspensão de aulas em várias escolas.

Esses atos violentos são premeditados por jovens de 13 a 25 anos, que, após sofrerem ou presenciarem violência, retornam à escola em busca de vingança. Estudos indicam que esses jovens, predominantemente brancos, cultuam práticas machistas e preconceituosas, e são influenciados por conteúdos extremistas na internet, facilitando sua radicalização. A violência contra escolas, portanto, não é exclusiva de países periféricos, mas reflete uma tendência global de radicalização e violência entre jovens.

Os primeiros registros de ataques a escolas no Brasil datam dos anos 2000, com 16 casos até o final de 2022, que resultaram em 35 mortes e 72 feridos. Algumas ameaças, como as que ocorreram no Rio Grande do Norte, não chegaram a se concretizar, mas ainda assim geraram grande medo e levaram à suspensão de aulas em várias escolas. Em Natal/RN, na Escola Estadual Padre Miguelinho, onde Ribeiro autora desse texto lecionava como professora temporária, apenas quatro dos 40 alunos de uma turma do 1º ano do Ensino Médio compareceram no dia 20 de abril de 2023, em meio ao medo generalizado provocado pelos anúncios de possíveis ataques futuros.

Os atos violentos nas escolas podem surgir de conflitos típicos do ambiente escolar, como

discussões, preconceitos ou bullying como apontamos na primeira parte do texto. No entanto, as análises apontam que ataques contra a escola delongam dessa realidade, pois são premeditados por jovens, entre 13 e 25 anos, que sofreram ou presenciaram violência nesse ambiente, retornando à escola para se vingarem. Um outro aspecto trazido pelos estudos que encoraja esse tipo de violência, é o fato desses jovens, brancos em sua maioria, serem cultuadores de práticas machistas, preconceituosas, “socialmente isolados”, mas conectados com o mundo virtual são atraídos e expostos a conteúdos extremistas que promovem violência e culto às armas.

A exposição a ideologias extremistas, antes limitada à Deep Web, está agora amplamente acessível, facilitando a radicalização de jovens que, nutrindo sentimentos de direito e ressentimento, veem a violência como uma solução para conflitos. Esse ambiente propicia uma escalada de ataques nas escolas, conforme observa Telma Vinha (2023). A violência contra escolas não é exclusiva de países periféricos; desde os anos 1980, França, Canadá e Estados Unidos enfrentam esse problema, com causas ligadas à exclusão social, questões étnicas, culturais, e fácil acesso a armas. É crucial entender as percepções de professores e alunos sobre essa violência, evitando simplificações que culpam apenas a internet e considerando uma análise mais profunda proposta por diversos estudiosos.

2.3 Percepção dos professores e alunos da violência escolar no contexto dos ataques às escolas.

A pesquisa de Ribeiro (2023) com professores da rede pública em Natal e Parnamirim/RN revelou que a violência escolar gera estresse, ansiedade, e desgaste emocional significativos entre os educadores, agravando a percepção negativa da profissão. Os alunos, por sua vez, enfrentam insegurança e medo, comprometendo seu desenvolvimento acadêmico e emocional. Os professores não associam diretamente os ataques às escolas à internet, mas sim a uma falta de limites e a uma educação familiar debilitada. Eles veem a escola como um reflexo das tensões sociais, mas ainda acreditam em seu potencial transformador para superar a violência e promover um ambiente de aprendizado. (Ribeiro, 2023, p.30-32).

Embora alguns relacionem os ataques às escolas com a cultura de ódio e o uso das redes sociais, a pesquisa revelou que essas não são vistas como as causas principais da violência. Em vez disso, a escola é percebida como um lugar de formação, de encontro e de criação, onde se desenvolvem cidadãos críticos e conscientes. A violência dentro da escola é percebida por alguns deles como um reflexo das frustrações e tensões provenientes das relações familiares e sociais, e não simplesmente como resultado das redes sociais, coincidindo com as análises sobre o fenômeno de Viviane Mosé (2023) e Paulo Ghiraldelli (2023), referenciados nesse texto.

As condições psicológicas enfrentadas pela comunidade escolar também foram destacadas por eles. Segundo os dados, há uma falta de incentivo à aprendizagem, casos de isolamento e surtos psicóticos, além de mágoas entre alunos, professores e coordenadores. Esse cenário é associado ao baixo nível de educação dos alunos, que frequentemente chegam à escola com dificuldades, e à inércia da gestão em enfrentar problemas sociais que afetam os estudantes (Ribeiro, 2023).

Reiteramos que os professores, ao refletirem sobre os ataques às escolas, não veem a internet como o principal agente de incentivo a essas tragédias, mas sim como parte de um cenário mais amplo e complexo. Segundo o filósofo Paulo Ghiraldelli (2023), embora a internet traga problemas, culpar exclusivamente as redes sociais ou grupos extremistas é simplificar demais a questão. Ele argumenta que os ataques refletem um profundo desajuste na juventude, marcado por insensibilidade, depressão, e falta de perspectivas, e não apenas pela influência online. Viviane Mosé (2023) complementa essa visão ao abordar a crise que a educação

enfrenta diante desses ataques, sugerindo que a raiz do problema está nas profundas transformações sociais e culturais pelas quais a civilização está passando. Ela destaca que, ao tentar entender o que está desmoronando e o que está surgindo de novo, é possível encontrar soluções coletivas para superar essa crise. Dessa forma, a vulnerabilidade social e a precariedade da educação, mais do que a internet, são vistas como fatores centrais na compreensão da violência nas escolas. (Ribeiro, 2023, p. 30-33).

3 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA

A análise apresentada reforça a necessidade de uma abordagem multifacetada para entender e enfrentar a violência nas escolas. Primeiramente, a violência é destacada como um fenômeno sócio-histórico profundo e estrutural, que permeia a formação da sociedade brasileira e se manifesta de maneiras complexas, desde sua origem histórica até os desafios atuais.

O Brasil, com sua trajetória de violência e desigualdade, evidencia um ambiente propenso a comportamentos violentos, com uma alta taxa de homicídios entre os jovens. Esse contexto de violência externa se reflete dentro das escolas, que, em vez de serem espaços seguros, acabam projetando as dinâmicas violentas presentes na sociedade. A crescente incidência de ataques às escolas por jovens que também são vítimas de violência fora delas é um indicativo claro de como a exposição à violência pode levar à normalização e reprodução de comportamentos agressivos dentro das instituições de ensino. A influência dos discursos de ódio e a propagação de intolerância também contribuem para a deterioração da segurança escolar. (Vinha, 2023)

Esses ataques frequentemente têm origem em jovens que sofreram ou presenciaram violência, buscando vingança. A influência de conteúdos extremistas e a radicalização pela internet também são fatores que devem ser considerados, mas não foram enfatizados como primordiais no desencadeamento da violência. A violência escolar é um fenômeno global e complexo, que exige compreensão e ação integradas, considerando a evolução histórica, os fatores desencadeantes e as novas formas de violência emergentes.

A situação nas escolas é um microcosmo das dificuldades enfrentadas pela sociedade mais ampla. A escola, em vez de ser um refúgio seguro e um espaço de desenvolvimento, se transforma em um campo de batalha emocional e psicológica (Bourdieu(2010)). A violência que se estabelece é uma manifestação das falhas e das tensões presentes na sociedade, refletindo a necessidade de soluções que abordem tanto os sintomas quanto as causas profundas desse problema social. Os dados mostram que, ao contrário do que muitas vezes é apontado como causa para o desencadeamento dos ataques, os professores não veem a internet como a principal causa da violência escolar. Em vez disso, eles atribuem a violência a fatores como a falta de limites e uma educação familiar precária.

Os filósofos Paulo Ghiraldelli e Viviane Mosé reforçam a visão de que a violência escolar é um reflexo de desajustes profundos na juventude e das transformações sociais e culturais, e não apenas da influência online. A vulnerabilidade social e a precariedade da educação são vistas como fatores centrais para entender a violência nas escolas, apontando a necessidade de uma análise mais ampla que vá além da simplificação atribuída à internet.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade da violência contra as escolas requer uma análise que vá além dos jovens envolvidos, incluindo outros agentes sociais que passaram a atacar essa instituição. Estudos futuros devem investigar as conexões entre as transformações sociais e culturais e os impactos desses ataques, considerando fatores intra e extraescolares. A escola, enquanto espaço de formação, precisa ser repensada para lidar com essas novas ameaças, integrando

abordagens que envolvam toda a comunidade, além de mecanismos preventivos e coerção, para transformar a educação em um verdadeiro agente de mudança social.

Ao reconhecer que a educação tem um impacto profundo na vida do ser humano, torna-se imprescindível repensar não apenas as práticas educativas, mas também as relações sociais e culturais que contribuem para a escalada da violência nas escolas. A violência escolar, enquanto fenômeno social, não pode ser compreendida isoladamente; ela reflete uma crise maior nos processos educativos e na condução das políticas educacionais. Portanto, a revisão das práticas pedagógicas deve ir além da resposta imediata aos atos de violência, incorporando uma análise crítica das mudanças sociais e a busca por uma educação que realmente transforme a sociedade, resgatando a relevância da escola como espaço de formação integral e cidadã.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. divulga dados sobre a violência nas escolas. Agência Brasil, 2023. [https://cpers.com.br/anuario-brasileirodeseguranca-publica-divulga-dados-sobre-a-violencianasescolas/#:~:text=Em%202021%2C%20no%20Rio%20Grande,Paulo%20\(50%2C6%25\)](https://cpers.com.br/anuario-brasileirodeseguranca-publica-divulga-dados-sobre-a-violencianasescolas/#:~:text=Em%202021%2C%20no%20Rio%20Grande,Paulo%20(50%2C6%25).).

ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie; MARRIEL, Nelson de Souza Motta. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: __. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. 2ª edição. organizado por Simone Gonçalves de Assis et al. – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, CDEAD/ENSP, 2023.

BARBIERI, Bianca da Cruz; SANTOS, Naiara Ester dos; AVELINO, Wagner Feitosa. Violência Escolar: uma percepção social. Revista Educação Pública. v.21, nº 7,2 de março de 2021

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico / Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 13º ed-Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010. CANÁRIO, Rui. A escola: o lugar onde professores aprendem. Conferência proferida na Universidade de Avero em setembro de 1997. Psic. da Ed. São Paulo 6 1º semestre 1998. Pp. 9-27.

CHARLOT B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão. Sociologias. 2002.

CUNHA, D Jason B. Della. (2021) El fracaso de la educación en tiempo de Thanatos. In: __. Violência, Empatía Y Neurotec, Educação LX CICA y Jornadas Complutenses Internacionales 2021. (Org) Valentin Martinez-Otero Pérez;J. Martin Ramirez. Ed. Cátedra Global Nebrija Santander en Gestión de Riesgo y Conflictos.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo (SP): Martin Claret,2001.

GROSSI, P. K. & SANTOS, A. M. (2009). Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre. Revista Portuguesa de Educação (pp. 249-267). Brasil: Universidade do Minho.

GHIRALDELLI, Paulo. A Serpente que o Governo não Nota! https://www.youtube.com/watch?v=rOg6nZm5LG4&ab_channel=Fil%C3%B3sofoPauloGhirdelli. 19 de abr. de 2023 #pl2630nao #ghirdelli #plfakenews.

KUENZER, Acácia Zeneida. Educação cidadã, trabalho e desemprego: o possível como caminho para a utopia. 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A violência Social sob a perspectiva da saúde pública. Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, V. X, n. 1, p. 718,1994.

RELATÓRIO: O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. https://ponte.org/wpcontent/uploads/2022/12/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_10.pdf.

REZENDE, Milka de Oliveira. Violência no Brasil. <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/violencia-urbana-no-brasil.htm>. Acesso 23/08/2024.

RIBEIRO, Maria do Socorro Santos. A violência contra a escola : uma breve análise sócio histórica / Maria do Socorro Santos Ribeiro. - 2023. 43 f.: il. Colo RISTUM, M. Violência urbana: a avaliação de professoras sobre a atuação da escola. Psicologia Escolar e Educacional, 6(2): 167-176, 2002.

SANTOS, Sergivano Antônio dos. Violência no espaço escolar: discurso, sujeito e as práticas em escolas públicas de Caruaru. Dissertação (mestrado) – Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ, Recife, 2019.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias Universidade Federal do Rio Grande do Sul Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 105-122, jan./jun. 2001.